

ALMANAQUE

dos Imigrantes

Fascículo nº 31

Maio de 2020



criação de porcos

Uma parte importante na história de Carambeí

HENDRIK KOOP

O homem que traçou os esboços de uma história geral sobre Carambeí e os imigrantes

GUIA PASSO A PASSO

Aprenda a encontrar informações sobre antepassados imigrantes

EDIÇÃO ESPECIAL

- 200 ANOS DE -

Saint Hilaire

NOS CAMPOS GERAIS

EDITORIAL



O Parque Histórico é muito novo, neste ano completamos 9 anos, com menos de uma década de existência o museu se tornou conhecido quase que nacionalmente e é uma das principais atrações turísticas do nosso Estado. Isto é motivo de orgulho de toda a comunidade de Carambei, principalmente daqueles que se envolveram na sua criação da Casa da Memória em 2001, que originou este complexo museal. Pelo fato do Parque ser um museu a céu aberto despertou um interesse e curiosidade muito grande, pois é uma atração muito diferente de tantos outros parques temáticos e museus.

É impressionante o número de eventos festivos, culturais e pedagógicos que foram realizadas neste anos, além de oficinas e muitas atividades artísticas, culturais e gastronômicas. Este almanaque publica mais uma vez pequena parte dessas atividades, como também relatos históricos.

O número de visitantes já ultrapassou os setecentos mil, e tem crescido anualmente o que evidencia que Museu foi um investimento altamente compensador e gratificante.

Apesar dos poucos recursos captados para este ano, a diretoria estava otimista

e programando diversos eventos e atividades para conseguir superar as dificuldades previstas com um orçamento curto. Infelizmente, as expectativas que já não eram das melhores, foram totalmente frustradas com o surgimento da pandemia do corona vírus que está abalando o mundo todo. O Parque está fechado para visitantes e eventos desde março e as perspectivas de poder reabrir ainda são remotas. Pessoas e empresas estão sofrendo as consequências da pandemia e um dos setores mais afetados é o turismo, do qual somos muito dependentes,

Mas não podemos esmorecer, temos que seguir o exemplo da história que o Parque conta e retrata, as dificuldades e enormes adversidades que os nossos antepassados tiveram que enfrentar nas primeiras décadas da colonização de Carambeí. Com muita fé, trabalho perseverante e união souberam superar as adversidades e deixar um lindo legado para os seus descendentes. Assim nos também devemos agir e, certamente, aprenderemos muito com a atual situação anormal e saberemos achar soluções com as dificuldades.

Boa leitura.

EXPEDIENTE

Realização: APHC – Associação Parque Histórico de Carambeí

Editores: Ana Paula Bomfim Martins e Felipe Pedroso

Revisão: Felipe Pedroso

Projetos Gráficos: Lucas Los

Diagramação: Lucas Los

Assessora de Comunicação: Ana Paula Bomfim Martins

Fotos: Lucas Los, APHC, NMC e Rijkmuseum

Colaboração: Lucas Kugler, Fernanda Hrycyna, Karen Barros, Renan Emiliano, Natália Westphal e Renan Moura

A HISTÓRIA POR TRÁS DA FOTOGRAFIA

Uma foto antiga de um barco que até confunde-se com um postal, para algumas pessoas traz nostalgia, para outras não diz muita coisa. Muitas vezes a imagem passa despercebida e não recebe o seu devido valor. Por trás desta fotografia que compõe o acervo do Parque Histórico de Carambeí, que parece ser apenas uma imagem estática, há um registro de família que conta uma linda história.

A imagem foi registrada na Holanda. A foto pertence às memórias de Cornélia Arina de Geus Xavier de Macedo e foi cedida juntamente com outras fotografias para compor o acervo iconográfico da instituição.

BARCO HENDRIKA

Por trás da imagem desgastada pelo tempo, o registro de um barco de 17 toneladas era utilizado em transportes e pertencia à família Aardoom. Há muita história para ser contada.

A embarcação que pertenceu ao sr. Leendert Aardoom foi um presente que recebeu de seu pai quando se casou.

O barco era utilizado para transporte de mercadorias entre duas cidades holandesas, S'Gravendeel e Dordrech. Assim, Leendert ganhava dinheiro para sustentar sua esposa e seus 9 filhos.

Durante a II Guerra Mundial o sr. Aardoom continuou o seu ofício, mas neste período passou a ser vigiado por soldados nazistas e sem saber passou a transportar armas que eram escondidas no barco, por seu filho Bastiaan Aardoom. Quando passava pelo posto nazista, que ficava no canal em direção a Dordrech, era questionado sobre o que carregava e afirmava que eram apenas verduras e batatas, sem saber que embaixo de toda a mercadoria haviam armamentos.

Bastiaan integrava um grupo de jovens aliados à Inglaterra e que secretamente lutavam contra os alemães, intitulavam-se Força Interna de Neederland. As armas escondidas no barco de Leendert eram lançadas por meio de paraquedas por aviões ingleses, à noite. O jovem as recolhia e as escondia, secretamente. Depois da embarcação ser descarregada, o armamento era passado a diante.

O Barco Hendrika também serviu como esconderijo para um piloto inglês, que teve seu avião abatido por nazistas, até que este encontrasse um local seguro. Johanna, irmã de Bastiaan, foi a única pessoa que sabia de seus segredos e na ocasião alimentou o piloto.

A embarcação que garantia o sustento da família de Leendert, que guardava os segredos de Bastiaan, ficava em um canal atrás da casa dos Aardoom e teve um triste fim. Próximo ao final da guerra, por desespero, ao perceber que estavam perdendo a luta, os alemães confiscaram o Barco Hendrika e o afundaram. Este fato foi muito doloroso para Leendert que nunca se conformou com o ocorrido.

Ao final da guerra o barco foi içado, mas estava totalmente enferrujado. Leendert tentou consertar o que foi possível, porém o vendeu. No final de 1950, deixou a Holanda e imigrou para Carambeí, onde já moravam alguns de seus filhos.

Este relato foi contado por Cornelia Arina de Geus Xavier de Macedo, neta de Leendert Aardoom.

Ana Paula Bomfim



A collage of historical maps and a compass rose on a wooden background. The maps include a detailed landscape map with a circular inset, a map of Germany (Deutschlands) with a compass rose, and a map of the Netherlands (Karte der Niederlande) showing a grid of waterways and land. The wooden background is dark and textured.

O POVO HOLANDÊS E A RELAÇÃO COM A ÁGUA

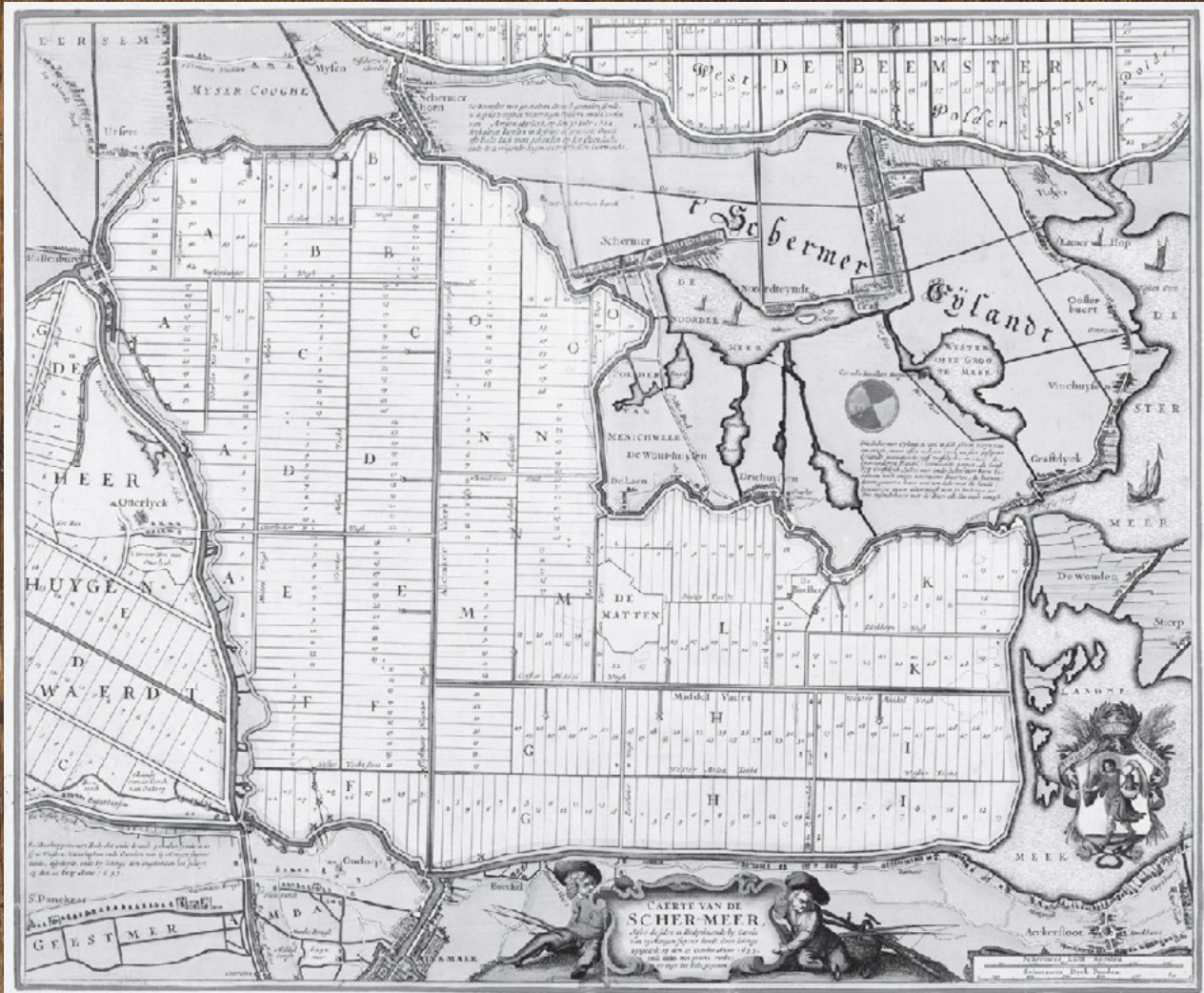
Banhado pelas águas oriundas do Delta do Reno e invadida pelos cinco principais rios do noroeste da Europa e pelo Mar do Norte, o território que compreende os Países Baixos possui uma paisagem representada pela água, que moldou as relações socioculturais entre os habitantes e a natureza.

Essa lógica do território foi extremamente importante para o país se tornar um local de trocas comerciais, pois permitiu as expansões marítimas no século XVI. Devido à sua localização, o povo que vivia ali foi obrigado a pensar numa maneira de resistir à ação dos rios e mares. Uma população de aproximadamente 18 milhões de habitantes, onde cerca de 60% vivem nas regiões conhecidas como baixas, ou seja, abaixo do nível do mar, se viu obrigada a agir de acordo com as suas necessidades.

Os Países Baixos possuem uma área de 41,5 mil km², e em média 30% do país encontra-se nesta região. Uma técnica utilizada foram os Diques, um tipo de obra de concreto ou de qualquer outro material resistente, com a finalidade de represar

porções de água corrente, possibilitando a manutenção de áreas como os polders. A construção de diques e barreiras no país é uma tecnologia utilizada desde o século XII, originária da região de Flandres.

Uma das primeiras experiências para o controle da água são os polders, famosas terras drenadas, "glebas de terras rurais parceladas em lotes dispostos em grelha, transpostos por uma rede de diques e canais conectados aos moinhos de vento que possibilitam a sua drenagem". O que chama a atenção nesses polders, além da incrível engenharia de drenagem, é a divisão feitas dos lotes de terras, uma divisão mantida até o tempo presente. "Esse processo dá origem a uma paisagem geométrica, que no passado a obrigava a ser preenchida com bombas



Mapa do Polder Schermeer, de autoria de J. Blaeu, 1634. Acervo do Rijkmuseum (ZUIDERZEE MUSEUM, [s.d.]).

de água movidas pelo vento, na forma de moinhos, cuja função era ativar o maquinário de extração de água, a fim de redirecioná-lo através do sistema de canais". Um território que foi moldado pela presença humana e adaptado para resistir às forças das águas.

Os moinhos de vento foram os maiores aliados quando falamos em resistência à força das águas. A força da energia eólica foi amplamente utilizada para drenar a água, acionando as bombas de sucção, tornando parte do território em regiões propícias para o plantio e moradia. O que foi realizado foi o controle da natureza por parte dos holandeses, aliado a técnicas de engenharia, conseguiram sobreviver e até mesmo expandir seu território nessas áreas onde ocorrem as inundações.

Um dos pontos relevantes é o processo de cooperação no qual essa sociedade experimenta. Isso só foi possível graças à ideia de cooperação entre os habitantes, sendo essencial na criação de políticas públicas.

Esse tipo de engenharia não é novidade para os habitantes das terras baixas, desde o século XII a luta para a manutenção das regiões secas é uma realidade no cotidiano desses moradores e as defesas como os diques contra o mar do norte já existia desde 1932, sendo representado pelo maior dique do país, o Afsluitdijk; Um dique de grande proporção feito com blocos de pedras fundidos, possui 32 km de comprimento, ligando a Holanda do Norte à província da Frísia.

Mesmo com toda essa construção para defender as terras baixas contra a água, no ano de 1953 os diques romperam na região sudoeste devido a uma forte tempestade. Em torno de 150 mil hectares foram inundados, por volta de 1835 pessoas morreram, 72.000 desabrigados e 9% das áreas férteis submersas.

A partir disso a necessidade de criar estratégias e estruturas de resistência tornaram-se emergenciais, nascendo o maior projeto realizado para esse fim, o plano Delta. Esse projeto é um

plano de defesa contra a invasão das águas. São 17 km de diques, dunas e barreiras de proteção, conhecido como o “Deltawerken” e levou 50 anos para ficar pronto.

Muitos imigrantes vieram de regiões onde essa engenharia era utilizada e conviveram a realidade de se plantar nessas áreas, bem como tiveram seus pôlderes inundados na região de S'Gravendeel.

O parque das águas no Parque Histórico de Carambeí é uma representação desse espaço, o Zaanse Schans – é um local onde é possível adentrar na Holanda do século XVIII e XIX, com as construções tradicionais, os moinhos utilizados na fabricação de diversos produtos – fazendo lembrar dos canais, os moinhos e as construções típicas dos Países Baixos.

HENDRIK KOOY

O GRANDE MEMORIALISTA DE CARAMBEÍ

Para muitos que já pesquisaram sobre a história de Carambeí, o nome Hendrik Adrianus Kooy se tornou de certa forma familiar. Isso se deve pelo esforço que Kooy teve em traçar os esboços de uma história geral sobre Carambeí, contidos na obra *Carambeí 75 anos, 1911 – 1986* (publicada em 1986). Sua intenção era continuar a sua produção em um segundo volume, no entanto, o autor veio a falecer antes de terminá-la.

Kooy era um imigrante holandês oriundo de s-Gravendeel, filho de pecuaristas, que veio para Carambeí em 1947. Sua trajetória na Holanda foi permeada por algumas dificuldades, sendo uma delas, o cenário da Segunda Guerra Mundial. Seu país foi invadido pela Alemanha nazista em 10 de maio de 1940 e a ocupação só veio a terminar formalmente em 05 de maio de 1945, com a intervenção das tropas canadenses.

Não bastasse a tensão de viver em um país ocupado por forças estrangeiras, as sequelas da guerra como a fome deixaram um gosto amargo para alguns holandeses. Ao saber da colônia em Carambeí, Kooy imigrou para o Brasil em busca de oportunidades melhores.

Quando chegou em solo carambeiense, foi recebido pela família Harms, onde se hospedou inicialmente, se casando com Johanna Harms em 1949. De imediato, trabalhou em uma sociedade com Leendert Barth na criação de leitões. No entanto, essa empreitada não foi bem sucedida e Kooy posteriormente adquiriu a chácara leiteira de seu sogro onde trabalhou com a produção de leite entre 1949 a 1965. Nessa trajetória, ele também atuou na direção das Cooperativas locais e em outras instituições da comunidade. Mas a sua atuação enquanto escritor começou somente no final da década de 70 em diante, quando passou a escrever sobre a história de Carambeí em diversos formatos.

As obras de Kooy perpetuaram a narrativa do pioneirismo holandês em Carambeí. É interessante notarmos que na sua principal obra, o livro *Carambeí 75 anos*, o autor narra a trajetória de duas ondas migratórias que passaram por contextos diferentes; os pioneiros da formação da colônia e os holandeses do pós-guerra, que já encontraram uma comunidade economicamente estabelecida graças ao cooperativismo local.

Porém, em ambas as narrativas, Kooy enfatiza o pioneirismo como fio condutor da “saga dos imigrantes”. A biografia do autor nos revela que a sua vida foi inicialmente marcada por dificuldades na Holanda, mas que, em Carambeí, a situação melhorou significativamente. O livro reforça uma conexão entre episódios diferentes que culminam em uma narrativa maior – a história de Carambeí através da imigração holandesa.



Hendrik A. Kooy (esquerda) e Leendert Bath (direita) trabalhando na chácara em 1948.
(Acervo Parque Histórico de Carambeí)

Apesar de não ser um historiador, as produções de Kooy são constantemente consultadas. O livro *Carambeí 75 anos* serve até os dias de hoje tanto como fonte histórica (objeto de estudo dos historiadores) como referência bibliográfica para determinados dados sobre a história de Carambeí.

Além do livro, o autor também era redator (e em 1979 se torna coordenador) mensal da revista interna da comunidade conhecida como *Centraal Mandblad*, que trazia notícias da Holanda, do Brasil e de Carambeí, sempre mencionando relatos sobre a imigração e a colonização local. Também foi redator do *Jornal Batavo*, que era uma revista voltada para os cooperados, onde escreveu colunas que falavam da história da Holanda e artigos que narravam detalhes de episódios da história da antiga colônia Carambehy.

Os escritos de Kooy, mesmo não sendo historiográficos, deixaram um legado para a formação de uma consciência histórica local e para os pesquisadores do tempo presente que buscam uma base para iniciarem os seus estudos sobre o passado de Carambeí.

(...). O escritor engajado sabe que a palavra é ação: sabe que desvendar é mudar e que não se pode desvendar senão tencionando mudar. (Sartre, 1993, apud Almeida.)

Lucas Kugler

CRIAÇÃO DE PORCOS, UM BRAÇO DA ECONOMIA PARANAENSE



Foto: Acervo APHC

O Paraná dos dias de hoje tem grande parte de sua economia fundamentada no setor agropecuário, dentre o grande PIB gerado pela agricultura e pecuária está a produção em larga escala de suínos, visando tanto abastecer o mercado interno, como as exportações intercontinentais. No entanto, esta prática que hoje está vinculada fundamentalmente ao setor industrial tem seu passado construído em um sistema tradicional e familiar.

A suinocultura nasce no Paraná com o sistema de safra, ou seja, um safrista, normalmente um homem de posses percorria o interior paranaense comprando porcos magros que eram criados pelos pequenos agricultores da época. Depois de comprada certa quantidade de porcos, não raramente acima das quinhentas cabeças, todas eram reunidas na propriedade do safrista que os soltava em roças de milho para que engordassem.

Uma vez engordados, os porcos eram tocados a pé por uma equipe de contratados do safrista (o condutor responsável pela viagem, os tocadores, o chamador e o cozinheiro) até as fabricas de banha, muitas vezes localizadas em outros municípios, a 100 ou 150 km de distância. Esse sistema originou o tropeirismo de porcos, de manadas de até mil animais conduzidas a pé, dos pequenos vilarejos do interior até as cidades onde estavam essas fábricas. Principalmente Curitiba, Ponta Grossa e União da Vitória.

A cidade de Ponta Grossa, vizinha de Carambeí, foi uma grande compradora de porcos em virtude de sua localização, em um dos maiores entroncamentos ferroviários do Sul brasileiro, o que facilitava o escoamento da produção industrializada para outras regiões. Quanto mais gordo o porco, maior era o seu preço, que estava relacionado justamente à quantidade de gordura

do animal. A banha foi um produto de grande valor por muito tempo, principalmente porque não havia óleo vegetal e era muito utilizada na cozinha. Seu uso ainda alcançava outras ocasiões como lampiões, na fabricação de sabão, produtos de limpeza e, é claro, para a conservação de carnes em lata.

Não por menos, este mercado fecundo fez girar as engrenagens de um amplo sistema comercial no Estado. Foi, em boa parte, pelas influências destas atividades que surgiram diversos bairros, distritos e pequenas cidades no interior paranaense. Seu fim esteve relacionado, posteriormente, à implantação de novas tecnologias de transporte, os caminhões e tratores, vindos junto com o desenvolvimento das serrarias e madeireiras nestas mesmas localidades.

Renan Lima Emiliano

- A VIAGEM DE- *Saint Hilaire*

Em 1816, quando Dom João VI comandava o Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, e a família real portuguesa encontrava-se estabelecida no Rio de Janeiro, uma expedição francesa comandada pelo Duque de Luxemburgo chegava em terras brasileiras para resolver a questão da posse do território da Guiana, disputada entre França e Portugal. Junto da expedição, chegava ao Brasil o naturalista, botânico e viajante Auguste de Saint-Hilaire, com 37 anos de idade.

Nascido em Órleans, em 1779, Saint-Hilaire era membro de uma nobre família

francesa e desde jovem dedicou-se aos estudos de História Natural, sendo suas especialidades a anatomia dos frutos e as propriedades curativas das plantas. Inspirado pelas obras de Alexander von Humboldt e Johann W. Goethe, Saint-Hilaire considerava, além de aspectos práticos recorrentes do exercício de seu ofício, os aspectos filosóficos que envolviam as ciências naturais. Filósofos, cientistas e estadistas do século XIX encaravam a missão civilizatória como objetivo a ser perseguido, tendo por fundamento o espírito filantrópico, no qual se vislumbraria o amor dos homens pela humanidade.

A ciência no século XIX, bem como os homens que se colocavam a serviço dela, legitimavam o poder instituído. O conhecimento científico, aliado às ações governamentais, propiciava uma melhor administração estatal, no que diz respeito à realização de obras públicas, à utilização da natureza, até mesmo ao desenvolvimento de armamentos. Acreditava-se que as expedições enviadas pelos mandantes das nações civilizadas a territórios longínquos e desconhecidos obedeceriam a duas ordens: sob um aspecto, a esses territórios seria levada a civilização. Por outro lado, às nações civilizadas seriam levadas amostras dos

produtos da natureza e da cultura daquelas regiões, em razão da pesquisa científica ou da utilidade que pudessem a vir desempenhar nas terras de onde provinham as expedições. Muitas vezes cientistas foram recomendados a participarem das expedições enviadas ao mundo não civilizado, já que seus conhecimentos eram de grande serventia à civilização. Ao chegar a terras brasileiras, Saint-Hilaire, como nobre francês cientista, imbuído no espírito filantrópico e desejando ser útil à sua pátria, inicia sua viagem no Rio de Janeiro. Percorre os territórios das províncias do Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais, São Paulo, Santa Catarina, chegando inclusive à República Cisplatina (atual Uruguai). Como um viajante e botânico exemplar, tomava as suas notas in situ, descrevendo as espécies de plantas que encontrava, analisando suas formas e propriedades e as

recolhia para enviá-las ao Museu de História Natural em Paris, para que os especialistas da França as estudassem. Saint-Hilaire não descartava a hipótese de enviar sementes para a França para lá transplantá-las e aclimatá-las, uma vez que pudessem ser úteis aos franceses. Auguste de Saint-Hilaire elaborava minuciosos relatórios e descrevia com uma riqueza de detalhes cada região pela qual passou. A paisagem, a fauna, a flora, os povoados e os costumes locais eram dignos de registro. Passados alguns anos que já havia retornado à França, Saint-Hilaire passa a publicar as suas experiências brasileiras, sempre recorrendo a informações atualizadas sobre os territórios pelos quais havia passado. Atualmente, os relatos de viagem do botânico francês sobre sua estadia no Brasil são lidos por diversas pessoas que, por prazer ou curiosidade, pesquisa ou a trabalho, buscam vislumbrar as regiões do Brasil de 200 anos atrás.

Fernanda Homann Hrycyna

OS CAMPOS GERAIS

Em 1820, Saint-Hilaire, percorrendo a província de São Paulo, chega ao território que hoje compreende o estado do Paraná (tornado província em 1853). Conforme o relato do viajante, a partir da margem esquerda do Itararé começa a região dos Campos Gerais, tratando-se de um território que se distingue de qualquer região “pelo seu aspecto e pela natureza de seus produtos e de seu solo”. Para o botânico de origem francesa, os Campos Gerais constituem uma das mais belas regiões que havia percorrido desde que chegara à América. Pelo o que se encontra nos seus registros, fica encantado com a Araucária, e até lhe ocorre que a árvore que adorna a paisagem dos campos poderia ser transplantada sem dificuldades em território francês. Saint-Hilaire relata ter passado pelos Campos Gerais de 26 de janeiro a 4 de março, e conforme seus escritos, não houve sequer dois dias seguidos sem chuva. Apesar disso, percorre grande distância até o Registro de Curitiba, sendo recebido por grandes

fazendeiros, que lhe ofereceram pouso. Cada aspecto da natureza e da cultura local merecia um olhar atento e perspicaz do viajante. Ao percorrer os Campos Gerais pelo caminho das tropas, Saint-Hilaire se deparou com uma paisagem de campos naturais, emoldurada pelas matas de araucária e por algumas formações rochosas. Ao longo do percurso, riachos e rios cortavam a paisagem em alguns pontos, de onde diziam haver pedras preciosas, como o diamante. O botânico também revela que à época os fazendeiros se ocupavam da criação de gado, preparavam laticínios de boa qualidade e cultivavam a terra para o próprio sustento. De acordo com o naturalista, a região propiciava todos os tipos de cultura, sendo os principais, o milho, o trigo, o arroz, o feijão, o fumo e o algodão.

Saint-Hilaire deixou registrado suas impressões sobre a população, que considerava preguiçosa, dado às especificidades da região. Para o francês, o estilo de vida adotado pelos

habitantes dos Campos Gerais não fazia jus às potencialidades que a região ocupada oferecia. De acordo com o viajante, os homens andavam sempre à galope, as mulheres eram muito bonitas e a miscigenação não era de fato tão marcante quando comparada às outras comarcas das províncias pelas quais havia passado. Com poucas exceções, para Saint-Hilaire, os homens eram poucos instruídos.

O contato com os indígenas também é dado bastante importante na narrativa de Saint-Hilaire. A descrição dos índios coroados, assim denominados pois utilizavam um corte de cabelo análogo às tonsuras realizadas pelos franciscanos (coroa), de suas moradias e de suas ferramentas, consiste em importante fonte de informações sobre a cultura originária dessa região. Saint-Hilaire chega a descrever o conflito entre brancos e indígenas ocorridos na região, recorrendo a relatos orais fornecidos pelos fazendeiros que tinham suas fazendas invadidas.

Fernanda Homann Hrycyna



*Casa Fazenda Carambehy - Foto reprodução
ACERVO NMC - Núcleo de Mídia e Conhecimento*

A NATUREZA do Lugar

Difícil é de imaginar como foram as terras que formam os Campos Gerais, atualmente com as grandes cidades e as muitas plantações, pouco ainda resta desta região fitogeográfica do Paraná. Entender o passado dos Campos Gerais pode nos trazer riquíssimas informações da região que abriga cidades e um povo com tradições antigas que se preservam em seus costumes moldados junto do espaço ocupado. As terras nas quais chamamos de Campos Gerais, localizado no centro-leste do estado do Paraná é uma região que teve grande influência dos tropeiros, que ao longo dos séculos XVIII e XIX passavam pelas estradas que ligavam o sul do Brasil com a província São Paulo, em específico a cidade de Sorocaba, graças a este momento da história muitos espaços inabitados da região de campos limpos, matas de galerias e capões isolados da floresta ombrófila mista e montana começou a ganhar suas pequenas vilas e casas isoladas que abrigavam tropeiros em noites de sono ou dias chuvosos, sendo importante para a construção do que mais tarde formariam as grandes e pequenas cidades ao longo do segundo planalto paranaense.

Impulsionados com o surgimento da História Natural no final do século XVII pensadores e cientistas europeus deixavam suas cidades e partiam em rotas de viagem escolhidas nos continentes e subcontinentes ainda com lugares desconhecidos da população europeia da época, com cadernos de anotação e algumas poucas bagagens. Eles chegavam ao seu destino à cavalos e com mulas, anotando tudo para posteriormente levar as informações aos grandes centros urbanos da Europa, deixando assim marcado na história relatos importantes. É neste contexto que se encontra Auguste Saint-Hilaire, um naturalista, botânico e viajante francês que durante os anos de 1816 e 1822 viajou e descreveu por meio de suas narrativas, várias províncias, distritos, comarcas e vilas do então reinado português vigente na época. Destaca-se aqui sua passagem pela comarca de Curitiba e as regiões ao seu redor, uma delas na qual ele toma como passagem as terras dos Campos Gerais, sempre com um olhar atento à natureza unido a sua percepção da organização da sociedade nas várias vilas e casas presentes no espaço. Em seu livro *Viagem a Curitiba e*

Província de Santa Catarina, Saint-Hilaire descreve em quatro capítulos os contatos que teve com a região na qual o mesmo a delimitou, sendo da margem esquerda do rio Itararé até um pouco menos para lá da comarca de Curitiba. As descrições sobre a natureza são surpreendentes. Em um dos seus relatos traz a maneira como é o contraste do verde escuro das folhas da Araucária (*Araucaria angustifolia*) com o verde claro dos capinzais. Além disso, sendo o pinheiro muito utilizado pelos moradores da região, uma planta que basicamente é bem vista por Auguste, pois traz beleza à região. Sua madeira era ótima para marcenaria e com suas sementes, o famoso pinhão, fonte de alimento não só para o povo mas para animais de criação, como o porco. Sobre os campos ele descreve a similaridade com os campos de Beauce, na França, de onde ele era originário. Campos com ondulações não planas como outras visitadas pelo autor, tornando-se um agrado na qual não eram monótonas relatadas em suas próprias descrições. Através das folhas de seu livro podemos notar também a representação escrita das encostas rochosas dos morros por onde ele passou, na qual muitos brotavam uma cortina fina de água que se perdiam nos vales profundos. Além dos campos abertos ondulantes, araucárias e rochas que embelezam a região dos Campos Gerais ainda haviam os rios e riachos que cortavam os caminhos trazendo fertilidade onde rastejavam. Sem dúvidas estas transcrições notadas por Auguste Saint-Hilaire trazem mais do que podemos imaginar dos Campos Gerais do passado, ao voltar ao presente é possível ver grande parte da beleza desta região descrita pelo viajante, mesmo com o avanço das cidades, agricultura e pecuária do local. Aqui e acolá ainda veremos os campos ondulantes com suas matas de galerias e espaços de capinzais com araucárias e rios, não mais com aquelas pequenas cidades e casas isoladas, mas tão belas como foi um dia no passado.

Renan Moura

Foto: Acervo APHC

- OS SABORES DE- *Saint Hilaire* O QUEIJO DOS CAMPOS GERAIS

**SEDUZIDO PELO
HORIZONTE, O
CRONISTA NÃO DEIXOU
DE EXPRESSAR SUA
ADMIRAÇÃO**

Quando chegou aos Campos Gerais do Paraná, o viajante francês August de Saint-Hilaire em seus relatos minuciosos mostrou o seu encantamento com as belas paisagens e com a hospitalidade do povo, chegou até mesmo a chamar a região de **paraíso terrestre** do Brasil.

Além de descrever a biodiversidade, o naturalista também ressaltava a dinâmica social e cultural que encontrava por aqui, parte disso se encontra no seu discurso sobre as práticas agroalimentares, como ilustra um relato de visita a fazendas dos Campos Gerais em 1820:

"Todos os proprietários são criadores, cultivam a terra unicamente para atender às próprias necessidades e não exportam nenhum produto, a despeito de a região ser favorável a todos os gêneros, de cultura adequados

ao clima. São suas principais produções, o milho, o trigo, o arroz, o feijão, o fumo e o algodão."

Ao abordar o que se cultivava e o que se consumia, Saint-Hilaire faz uma análise de toda produção alimentar, dando indícios da prosperidade da terra e de como vislumbrava o potencial da localidade:

"Entre todas as partes desse império que percorri até agora, não há nenhuma outra onde uma colônia de agricultores europeus tenha possibilidade de se

estabelecer com mais sucesso do que ali. Eles encontrarão um clima temperado, um ar puro, as frutas do seu país e um solo no qual poderão desenvolver qualquer tipo de cultura a que estejam acostumados, sem grande dispêndio de energia. Assim como os habitantes do lugar, eles poderão criar gado; recolherão o seu estrume para fertilizar as terras, e com o leite, tão cremoso quanto o das regiões montanhosas da França, poderão fazer manteiga e queijo, que encontrarão fácil mercado nas partes mais setentrionais do Brasil. Como teria sido vantajoso



para esta região, por exemplo, se, ao invés de ter sido mandada para Canta-galo, a colônia Suíça se tivesse estabelecido na parte dos Campos Gerais vizinha das terras habitadas pelos índios selvagens.”

Quase 100 anos depois, com um intenso programa de imigração no território brasileiro – promovido pelo governo do país, que tinha como objetivo justamente alargar a produção alimentar e importar tecnologia, em 1911, chegaram os primeiros imigrantes holandeses na localidade conhecida como Carambehy, destinando principalmente seus esforços na construção de uma colônia imigrante voltada à prática de produção láctea, que algumas dezenas

de anos mais tarde, ficaria conhecida pela qualidade de excelência de seus produtos em âmbito nacional.

Os imigrantes que aqui chegaram, muito provavelmente não sabiam dos relatos do cronista e num ímpeto quase que instintivo, deram início justamente à produção de queijos e manteiga, moldando assim, não somente a economia dos Campos Gerais, mas se tornando uma das maiores bacias leiteiras do país, fundando também a primeira cooperativa industrial do Brasil e modelando a cultura alimentar dos paranaenses – fazendo do vislumbre de Saint-Hilaire, uma realidade.

Felipe Pedroso

O TRAÇO DE WILLEM KIEWIET

O NARRADOR DE HISTÓRIAS EM NANQUIM



Nascido em Veendam, cidade no norte da Holanda, o pequeno Willem Kiewiet foi estimulado pela família desde muito cedo a desenvolver sua criatividade e suas habilidades artísticas.



Estudou offset-litografia em Utrecht e trabalhou numa gráfica em Haia por seis anos, onde criou uma série de desenhos em nanquim e quadros em pintura a óleo.

Em 1986, resolveu imigrar para o Brasil, terra que se apaixonou logo que pisou pela primeira vez. Fixou residência em Carambeí e por 16 anos foi suinocultor, período que deixou de lado seus dotes artísticos dando preferência para a prática agropecuária.

Em 2002, retoma seu trabalho com nanquim, quando resolve contar as histórias dos Campos Gerais que tanto o fascinavam: o passado dos casarões coloniais portugueses, os imigrantes holandeses, a forte presença tropeira e a bela paisagem que encantou até mesmo o cronista francês August de Saint-Hilaire, foram alguns dos temas que nortearam a sua nova série de desenhos.

Um trabalho minucioso e preciso que Willem, por meio de seus traços, narra uma parte importante da história do Paraná. Estado que abraçou e abraça a todos que aqui decidiram se estabelecer.

MUSEU E SUSTENTABILIDADE: UM COMPROMISSO



Focado na sustentabilidade, o Parque Histórico de Carambeí desenvolveu uma série de atividades nessa temática. O núcleo educativo da instituição realizou ações educativas que visam a conscientização ambiental e ecológica. O ano de 2019 foi marcado pela afirmação do programa de sustentabilidade:

Uma **exposição de animais nativos** da região taxidermizados foi realizada em parceria com o ICMBio, com o objetivo de mostrar a diversidade da fauna e flora brasileira.



Com essas atividades o Parque Histórico reafirma seu compromisso em transpor ações que visem uma diminuição do impacto da degradação do meio-ambiente.

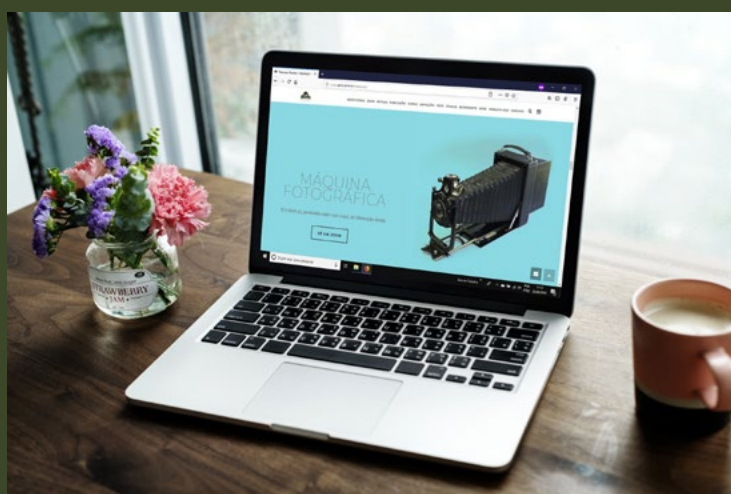
A realização de oficinas de terrários mostrou a criação de micro ecossistemas independentes, onde crianças e jovens puderam aprender a cultivar espécies de suculentas e atingindo a marca de mais de 1.000 participantes no decorrer do ano.

A exposição de longa duração intitulada Casa da Sustentabilidade mostra maneiras alternativas de moradia e evidencia o emprego de materiais de reuso e reciclagem de móveis.

O MUSEU NA ERA DIGITAL

Pensando na democratização de acesso e na ampliação do acesso a produção de conhecimento gerado pelo museu, a instituição tem adotado ações que visam romper os muros físicos e geográficos. Desde 2018 o Parque Histórico realiza versões digitais de suas exposições temporárias, tornando o seu conteúdo mais dinâmico e mais próximo das linguagens contemporâneas.

A iniciativa tem gerado resultados positivos e uma procura maior, tanto pelas exposições físicas quanto pelas digitais e mostra interesse crescente na busca pela pesquisa histórica de Carambeí. Acesse todas as produções expositivas do museu acessando o link: www.aphc.com.br/exposicoes



UM GUIA PARA ENCONTRAR ANTEPASSADOS *Imigrantes*

O primeiro passo é compreender que a pesquisa genealógica é como uma coleção de indivíduos, onde cada um destes possui uma série de eventos, que são facilmente identificáveis. Estes eventos são óbito, nascimento, batismo, casamento, serviço militar (para os homens), morte e sepultamento. Além destes, registros de mudança, migração e passagens pela polícia também fornecem informações complementares para a pesquisa.

A pesquisa possui diversas especificidades, seu processo é lento e variável de acordo com a nacionalidade de seu antepassado. Então a princípio colete todas as informações disponíveis dos eventos vividos pela pessoa a ser encontrada, estas informações serão úteis para a conferência da documentação encontrada.

Comece pelos seus familiares mais próximos, **seus pais**. Verifique a certidão de nascimento destes, nesta você encontrará as datas de nascimento, locais de origem e também a grafia correta dos nomes de seus avós. Possuindo essas informações, trace a trajetória do familiar que você deseja encontrar.

O próximo passo a ser seguido é a **descoberta da localidade** na qual seu antepassado nasceu, se informe com algum familiar sobre

a naturalidade deste. Há uma possibilidade de encontrar registros na mesma localidade anteriormente identificada na certidão de nascimento de seus pais. A partir disso, entre em contato com o cartório deste local, fornecendo o nome completo de grafia correta e uma estimativa da data de nascimento/óbito, é possível localizar os documentos disponíveis. Este atendimento pode ser feito a distância e a retirada do documento pode ser feita através dos correios ou do cartório mais próximo a você.

Outro método para encontrar registros de nascimento e localidade, é a partir do **batismo**.

Antepassados nascidos no Brasil antes de 1891 raramente possuem certidão de nascimento, visto que não era de costume fazer este registro. A certidão de batismo tem então como função, conter tais informações. Muitas

vezes as igrejas da região possuem este documento disponível em seus arquivos.

Se tratando de um antepassado imigrante, utilizando de informações de familiares ou das certidões encontradas no Brasil, busque pelo Arquivo da localidade em seu país de origem. As informações são fornecidas via e-mail, ou até mesmo já estarão disponibilizadas online, no site do arquivo. Com este, não somente encontra-se registros de batismo e nascimento, como também casamento, migração e óbito.

Os Museus e Arquivos tem papel importante para a pesquisa genealógica, visto que diversos destes possuem registros únicos em seu acervo. O Arquivo Nacional e Arquivo Público de Curitiba disponibilizam pesquisadores para verificar a documentação

disponível. Estes possuem registros de entrada no Brasil, navegações, prontuários, registros militares/policiais, processos de naturalização e o Registro Nacional de Estrangeiros (RNE).

O Arquivo Nacional possui diversos conjuntos documentais custodiados pela instituição, a partir do contato via site, pode-se consultar milhares de documentos sobre estrangeiros no Brasil. O SIAN - Sistema de Informações do Arquivo nacional, é uma base de dados que possui listas de entradas de estrangeiros nos portos brasileiros, nesta pode-se encontrar documentações dos órgãos federais que eram responsáveis

pelos registros de estrangeiros, locais de partida, chegada e suas navegações. Estes registros são importantes para delimitar datas, localidades dentro e fora do Brasil, se seu antepassado estava acompanhado e para onde ele foi após sua chegada.

Também disponibilizado pelo Arquivo Nacional, há o Registro Nacional de Estrangeiros - RNE. Este, foi instituído de forma obrigatória em 1938 para todos os estrangeiros com menos de 60 anos que residiam no Brasil. Feita a solicitação informando o

nome completo, sua filiação e a cidade onde teria sido feito o registro, é possível consultar os prontuários dos períodos de 1939 a 1987.

A consulta aos processos de naturalização de estrangeiros também se encontra disponível na base de dados do arquivo. Informando o nome completo do estrangeiro e sua filiação, a pesquisa pode ser feita para processos de 1823 a 1959.



UM PROCESSO QUE EXIGE DEDICAÇÃO, MAS É RECOMPENSADOR

Como outro método de pesquisa dentro do arquivo nacional, há a consulta por documentação do Departamento Nacional de Povoamento. Esta reúne toda a documentação de movimentos migratórios dentro do Brasil. A base de dados abrange os registros da Hospedaria Ilha das Flores (1883-1932), Hospedaria de Imigrantes do Pinheiro (1892-1893), Agência Central de Imigração (1893-1897) e registros do Porto do Rio de Janeiro (1877-1896). O Arquivo Público de Curitiba por sua vez, conta com a Divisão de Documentação Permanente (DEAP), esta contém um banco de dados com diversos registros de imigrantes desembarcados no Porto de Paranaguá, entradas em hospedarias e núcleos coloniais do território do Paraná entre 1876-1879 e 1885-1896. Além destes, a DEAP possui outros fundos complementares que

possibilitam encontrar registros de outras localidades e datas além das citadas. Sua consulta é gratuita e pode ser feita online ou presencialmente.

Para uma pesquisa complementar é possível entrar em contato com o Museu da Imigração de São Paulo e o Arquivo Público do Estado de São Paulo, que possuem diversos documentos inteiramente disponíveis para a comunidade. Existem também bancos de dados online que disponibilizam informações, os principais sendo FamilySearch, Ancestry, MyHeritage. São associações de pesquisa genealógica, que coletam registros históricos e genealógicos de todo o mundo e os disponibilizam, majoritariamente, de maneira gratuita.

O primeiro passo é compreender que a pesquisa genealógica é como uma coleção de indivíduos, onde cada um destes possui uma série de eventos, que são facilmente identificáveis. Estes eventos são óbito, nascimento, batismo, casamento, serviço militar (para os homens), morte e sepultamento. Além destes, registros de mudança, migração e passagens pela polícia também fornecem informações complementares para a pesquisa.

A pesquisa possui diversas especificidades, seu processo é lento e variável de acordo com a nacionalidade de seu antepassado.



Então a princípio colete todas as informações disponíveis dos eventos vividos pela pessoa a ser encontrada, estas informações serão úteis para a conferência da documentação encontrada.

Comece pelos seus familiares mais próximos, seus pais. Verifique a certidão de nascimento destes, nesta você encontrará as datas de nascimento, locais de origem e também a grafia correta dos nomes de seus avós. Possuindo essas informações, trace a trajetória do familiar que você deseja encontrar.

O próximo passo a ser seguido é a descoberta da localidade na qual seu antepassado nasceu, se informe com algum familiar sobre a naturalidade deste. Há uma possibilidade de encontrar registros na mesma localidade anteriormente identificada na certidão de nascimento de seus pais. A partir disso, entre em

contato com o cartório deste local, fornecendo o nome completo de grafia correta e uma estimativa da data de nascimento/óbito, é possível localizar os documentos disponíveis. Este atendimento pode ser feito a distância e a retirada do documento pode ser feita através dos correios ou do cartório mais próximo a você.

Outro método para encontrar registros de nascimento e localidade, é a partir do batismo.

Antepassados nascidos no Brasil antes de 1891 raramente possuem certidão de nascimento, visto que não era de costume fazer este registro. A certidão de batismo tem então como função, conter tais informações. Muitas vezes as igrejas da região possuem este documento disponível em seus arquivos.

Se tratando de um antepassado

imigrante, utilizando de informações de familiares ou das certidões encontradas no Brasil, busque pelo Arquivo da localidade em seu país de origem. As informações são fornecidas via e-mail, ou até mesmo já estarão disponibilizadas online, no site do arquivo. Com este, não somente encontra-se registros de batismo e nascimento, como também casamento, migração e óbito.

Os Museus e Arquivos tem papel importante para a pesquisa genealógica, visto que diversos destes possuem registros únicos em seu acervo. O Arquivo Nacional e Arquivo Público de Curitiba disponibilizam pesquisadores para verificar a documentação disponível. Estes possuem registros de entrada no Brasil, navegações, prontuários, registros militares/policiais, processos de naturalização e o Registro Nacional de Estrangeiros (RNE).

UM TRABALHO INVESTIGATIVO EM CENTROS DE DOCUMENTAÇÃO

O Arquivo Nacional possui diversos conjuntos documentais custodiados pela instituição, a partir do contato via site, pode-se consultar milhares de documentos sobre estrangeiros no Brasil. O SIAN - Sistema de Informações do Arquivo nacional, é uma base de dados que possui listas de entradas de estrangeiros nos portos brasileiros, nesta pode-se encontrar documentações dos órgãos federais que eram responsáveis pelos registros de estrangeiros, locais de partida, chegada e suas navegações. Estes registros são importantes para delimitar datas, localidades dentro e fora do Brasil, se seu antepassado estava acompanhado e para onde ele foi após sua chegada.

Também disponibilizado pelo Arquivo Nacional, há o Registro Nacional de Estrangeiros - RNE. Este, foi instituído de forma obrigatória em 1938 para todos os estrangeiros com menos de 60 anos que residiam no Brasil. Feita a solicitação informando o nome completo, sua filiação e a cidade onde teria sido feito o registro, é possível consultar os prontuários dos períodos de 1939 a 1987.

A consulta aos processos de naturalização de estrangeiros também se encontra disponível na base de dados do arquivo. Informando o nome completo do estrangeiro e sua filiação, a pesquisa pode ser feita para processos de 1823 a 1959.

Como outro método de pesquisa dentro do arquivo nacional, há a consulta por documentação do Departamento Nacional de Povoamento. Esta reúne toda a documentação de movimentos migratórios dentro do Brasil. A base de dados abrange os registros da Hospedaria Ilha das Flores (1883-1932), Hospedaria de Imigrantes do Pinheiro (1892-1893), Agência Central de

Imigração (1893-1897) e registros do Porto do Rio de Janeiro (1877-1896).

O Arquivo Público de Curitiba por sua vez, conta com a Divisão de Documentação Permanente (DEAP), esta contém um banco de dados com diversos registros de imigrantes desembarcados no Porto de Paranaguá, entradas em hospedarias e núcleos coloniais do território do Paraná entre 1876-1879 e 1885-1896. Além destes, a DEAP possui outros fundos complementares que possibilitam encontrar registros de outras localidades e datas além das citadas. Sua consulta é gratuita e pode ser feita online ou presencialmente.

Para uma pesquisa complementar é possível entrar em contato com o Museu da Imigração de São Paulo e o Arquivo Público do Estado de São Paulo, que possuem diversos documentos inteiramente disponíveis para a comunidade. Existem também bancos de dados online que disponibilizam informações, os principais sendo FamilySearch, Ancestry, MyHeritage. São associações de pesquisa genealógica, que coletam registros históricos e genealógicos de todo o mundo e os disponibilizam, majoritariamente, de maneira gratuita.

Natália Westphal



A preservação e a difusão do PATRIMÔNIO IMATERIAL

Uma das principais manifestações culturais de Carambeí e uma das mais emblemáticas contribuições das comunidades imigrantes na cidade é o saber fazer da confeitaria, mais especificamente as **famosas tortas**.

Para preservar esse conhecimento e difundir essa prática tão popular no município, o Koffiehuis – Confeitaria e Restaurante do Parque Histórico de Carambeí se uniu ao Frederica's Koffiehuis e juntos lançaram o concurso cultural gastronômico Sua Torta Faz História, uma iniciativa que buscou aproximar a comunidade local para mostrar a história e a cultura construída pelas seis primeiras etnias (holandeses, alemães, indonésios, poloneses, portugueses e italianos) que se estabeleceram em Carambeí. O evento visou revelar os três melhores confeitadores amadores e desenvolver de forma profissional os candidatos.

Uma das grandes premissas do museu é de que comida é cultura, e deste modo, incentivar e promover as práticas alimentares, os sabores da imigração e a cultura alimentar da antiga colônia é um compromisso com a população local.

Os três sabores vencedores foram: 1º lugar Torta de Abóbora de Terezinha Rain, 2º lugar Torta de Morango com Ruibarbo de Simone Pedroso Marcondes e 3º lugar com Torta de Kiwi de Rosana Antunes.



MUSEU INTERATIVO:

UMA VIAGEM ao passado



A comunidade de imigrantes holandeses presente em Carambei sempre se dedicou a manifestações culturais, como a música, dança e o teatro. Deste último, se tem registros das atividades a partir da década de 1950. Desta forma, a criação do projeto Museu Interativo, na Vila Histórica do Parque, era só uma questão de tempo.

A reconstrução das casas, escola, igreja e demais ambientes de trabalho e convívio foram o incentivador ideal para a comunidade impulsionar sua paixão pelo teatro. Em datas especiais e festividades, a Vila Histórica ganha vida e os moradores de Carambei prestam uma homenagem ao passado, relembrando as famílias dos primeiros imigrantes que exerceram importantes papéis na comunidade.

Adrijan Los

UMA TRAJETÓRIA MARCADA POR LAÇOS COM A COOPERATIVA

Descendente de famílias holandesas, Adrijan Los é filho de João Los e Guilhermina Verschoor Los. Foi casado com Ely Goltz Los, com quem teve 6 filhos, após 20 anos de casamento ficou viúvo. Há 42 anos é casado com Maria Teresa Eurich Los, tem uma filha desta união. Aos 88 anos, com 9 netos e 10 bisnetos, sua marca registrada é o bibico (um modelo de quepe feito de pano e com formato de navio) que usava com o uniforme da escola como complemento do guarda-pó, em 1950 quando serviu na Polícia do Exército no Rio de Janeiro e usa até os dias atuais.

Se associou a Cooperativa Batavo Agroindustrial em 1967, hoje Frísia Cooperativa Agroindustrial, relata sua trajetória de 67 anos de cooperado na pecuária de leite.

Como a Cooperativa fazia o controle da produção dos cooperados?

Cada cooperado tinha um número de inscrição que era marcado em seus latões de leite, assim era feito o controle da produção de cada um quando os latões chegavam na para o envase. Meu número é o 23, por esse cadastro a Cooperativa sabia a quantidade de leite eu entregava por dia, assim fazia com os outros cooperados.

Como era feito o transporte de leite?

Em frente as chácaras havia uma banca, na nossa tinha uma que eu fiz, onde os produtores deixavam o leite que no começo era transportado para de carroça. Anos mais tarde a Cooperativa passou a transportar o leite, os latões continuavam numerados e era deixados em frente as chácaras.

Havia confusão na entrega dos latões?

O caminhão trazia os latões vazios da coleta do dia anterior e levava os que estavam cheios, mas sempre havia troca de latões.

Ser um associado da Cooperativa fez diferença?

A cooperativa sempre ajudou muito, sem ela não havia como vender o leite particular. Meu pai no começo fazia queijo e era difícil vender porque precisava ir de trem para Curitiba, às vezes o queijo já chegava lá estragado. Com a cooperativa melhorou muito.

Como era a ordenha?

Antigamente tínhamos que tirar leite com a mão. Era sentado num banquinho, com um balde entre as pernas que



a ordenha era feita, usávamos as duas mãos para esgotar o leite, era um trabalho cansativo e as vacas não produziam tanto leite como hoje. O trato das vacas era batata doce e ração balanceada. Só depois veio o milho para fazer silo.

Apesar do trabalho pesado havia diversão?

Era uma diversão para as crianças, empurrar o carrinho de leite que eu puxava cheio de latões até o portão, mas depois eu trazia as crianças de carona no carrinho vazio e até o cachorro vinha junto.

Nesses anos, existe algum momento que ficou marcado?

Lembro que em 1966 uma tempestade com fortes ventos derrubou a estrebaria de madeira. Tivemos que levar as vacas e tirar leite na chácara do meu irmão Guilherme, foram aproximadamente 3 meses até eu, com a ajuda dos meus irmãos, conseguisse construir uma nova estrebaria.

EVENTOS



PÁSCOA

Ao visitar o museu o público se depara com a *osterbaum*, árvore seca, sem folhas nos galhos, decoradas com ovos coloridos. Trata-se de uma representação de um antigo costume repleto de significado e presente na herança cultural cristã germânica.

A proposta do museu com essa comemoração é difundir práticas culturais tradicionais da comunidade.

Com a divertida brincadeira '*Zoek de eieren!*' (Procure os Ovos), tradição dos imigrantes holandeses e alemães, o Núcleo Educativo do museu oferece uma tarde de diversão para as crianças.



CARNAVAL

Pensado para os visitantes que fogem da folia dos grandes centros e buscam um passeio cultural diferenciado. Durante o feriado, o Koffiehuis Confeitaria e Restaurante Parque Histórico de Carambeí realizou o Carnaval de Sabores. Com um cardápio que reúne sabores e aromas levou o público a uma viagem gastronômica.

A diversão do público infantil foi garantida com a Oficina de Máscara, quando pais e filhos confeccionaram inusitadas máscaras de Carnaval.

FEIRA MEDIEVAL

A união do lúdico e do histórico fazem da feira medieval um sucesso para todos os públicos. Os visitantes com fantasias inspiradas em personagens de séries e os entusiastas da Idade Média que procuram reproduzir trajes históricos são, uma das atrações. Com a recriação de cenários e atividades do cotidiano do período, proporcionamos ao público uma imersão no período medieval.





FESTA DOS IMIGRANTES

Criada em 2008, em parceria com a Prefeitura Municipal, celebra a chegada dos holandeses em quatro de abril de 1911 na Colônia Carambehy.

Em 2015, o evento foi reformulado, a organização tornou-se exclusiva da Associação Parque Histórico de Carambeí, que oferece ao público uma experiência cultural diversificada unindo vários povos em um só lugar. A praça de alimentação com sabores inusitados permite que os visitantes conheçam a culinária de outros países. As apresentações artísticas, realizada exclusivamente com grupos folclóricos, proporcionam ao visitante apreciação de diferentes culturas.

ARRAIÁ

Em 2012, foi criado o Arraiá do Parque para prestigiar e difundir a tradição das festas juninas e julinas, que compõem algumas das mais belas manifestações da cultura popular brasileira. A festa caipira, realizada no mês de julho, reúne escolas de Carambeí e região para apresentações de quadrilha e músicos locais.



FESTIVAL DAS TORTAS

O mais doce e saboroso evento dos Campos Gerais resgata a tradição do chá com bolo, que é muito expressiva entre os imigrantes e descendentes de holandeses. Os deliciosos bolos preparados pelos imigrantes foram adaptados, com cremes e confeitos, se tornaram as renomadas Tortas de Carambeí.

O evento organizado pela Prefeitura Municipal reúne famosas e consolidadas casas de tortas e confeitarias artesanais, que reunidas oferecem ao público as saborosas tortas que colocaram o município na rota do turismo

NATAL

Em dezembro a magia do Natal toma conta do Parque Histórico de Carambeí. A decoração natalina e o contorno com luz nas construções são um convite para o público visitar o museu à noite.

O ambiente é encantador durante o dia. Durante o evento, a magia do Natal se materializa, com: a visita à Casa do Papai Noel, apresentações musicais e o passeio no Parque Iluminado.



Willem de Geus

UMA HISTÓRIA QUE DEVE SER LEMBRADA POR SEUS FEITOS PARA CARAMBEÍ NO COOPERATIVISMO, NA SOCIEDADE E NA RELIGIÃO.

Com uma personalidade que impressionava pela simpatia e espontaneidade, sempre disposto a atender quem o abordava, gostava de uma boa conversa e tinha opinião muito particular sobre diversos assuntos, principalmente sobre o cooperativismo, assim era Willem de Geus. Nasceu no dia 26 de setembro de 1925, filho dos imigrantes holandeses Leendert de Geus e Cornélia Verschoor de Geus, casou-se com a imigrante frísia Hiltje Dijkstra de Geus com quem teve 9 filhos. Faleceu com 93 anos, no dia 2 de julho de 2019.

O senhor Wimme como era chamado pelos mais próximos, era conhecido por praticamente todos, seja pessoalmente ou por sua representatividade na trajetória do município. Deixou uma bela história, pois representou muito para Carambeí, principalmente para a cooperativismo, igreja e a sociedade como um todo.

O personagem deste Almanaque sempre teve sua trajetória atrelada à cooperativa. Nasceu no mesmo ano em que pai, um dos pioneiros holandeses da Colônia Carambehy. Outros imigrantes holandeses fundaram a Sociedade Cooperativa Holandesa de Laticínios que no ano de 1941 foi registrada como Cooperativa de Laticínios Batavo. Presidiu a Batavo, que hoje tem como nome Frísia Cooperativa Agroindustrial, por 21 anos, de 1965 até 1986. A época de ouro da Cooperativa, década de 1970, aconteceu em sua gestão. Foi o único que esteve à frente simultaneamente como presidente da Batavo e da Cooperativa Central de Laticínio do Paraná, onde permaneceu por dois mandatos. Inovador, foi no período em que presidia a Batavo que houve o maior investimento em serviços de saneamento, energia elétrica e telecomunicações em Carambeí, melhorando as condições de vida da comunidade. Incentivou, além da pecuária leiteira, atividades agrícolas, suínícolas e avícolas. Nesta época foram inaugurados os Supermercados Batavo e o Ginásio de Esportes Batavo.

O esporte era uma de suas paixões e foi sobre o tema,

assistindo a transmissão de jogo de futebol pela televisão, que em ano de 2018 concedeu sua última entrevistas ao Parque Histórico. Na ocasião, contou que gostava muito de jogar futebol e para competir contra times de outras localidades prometia a todos os jogadores uma rodada de chocomilk, que era um produto recém lançado pelo Cooperativa Central. A entrevista de Geus integra um documentário sobre o futebol de campo em Carambeí, está disponível no site do Parque Histórico (www.aphc.com.br/exposicoes) na exposição virtual Várzea – o futebol na Colônia Carambehy.



Durante décadas foi a figura mais destacada de Carambeí, recebeu muitas homenagens pelo seu trabalho incansável, inclusive do governo da Holanda, que mesmo ele sendo brasileiro lhe concedeu a comenda de Cavaleiro da Ordem Orange Nassau pelo seu trabalho pela comunidade.

Visitar a cooperativa, todas as manhãs, fazia parte de sua rotina, até quase o fim de sua vida; quando não aparecia os colaboradores sentiam sua falta. Passava tomar café na Assessoria de Comunicação, tinha uma caneca de porcelana branca que era só dele e que ficava guardada na cozinha, adorava o café com leite preparado por Joana Darc Campa Bueno que é chefe de zeladoria e até hoje integra a equipe da Frísia. Gostava de conversar com quem encontrava, contava com detalhes que quando criança ouvia atrás da porta as reuniões da cooperativa, as primeiras que aconteceram, algumas foram feitas em sua casa em meados dos anos 30. Sentia-se orgulhoso ao falar que era somente alguns meses mais novo que a Batavo e contar a história de como era o tempo em que foi presidente. Aos colaboradores mais próximos chamava-os de amigos, tinha muito respeito pelo trabalho de cada um. Sempre foi uma presença marcante em cada um dos eventos da cooperativa.

Quando idoso visitava pessoas enfermas e isoladas, levava uma mensagem de fé e esperança. Sua preocupação social o caracterizou com soberania, sempre tentando, muitas vezes resolvendo problemas de pessoas necessitadas. Um belo exemplo a ser seguido.

Apoio:

Lei de Incentivo à CULTURA

Frísia

Patrocínio:

FERTIPAR

BASF

CCR RodoSul

PROTEGE Tetra Pak

Arysta

BRASFINI Brasiumber

GAMMA

Alltech

TECTRON

IHARA

TRATORNEW

TRATORCASE

Realização:

REALIZAÇÃO SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA

MINISTÉRIO DO TURISMO